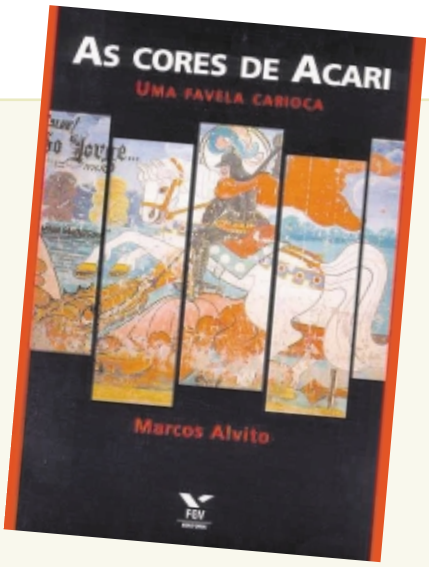


As cores de Acari

Entrevista com Marcos Alvito



Marcos Alvito, AS CORES DE ACARI: UMA FAVELA CARIOCA. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2001. R$ 35,00 – 344 p.

Tentando desvendar os mistérios das mulheres de Atenas e de Esparta para defender uma tese de História Antiga, Marcos Alvito fez um pouso na favela de Acari, no Rio de Janeiro, depois de uma visita de pesquisa à penitenciária Lemos de Brito, no Complexo da Frei Caneca. O contato com os presos resultou no livro *As Cores de Acari*. De acordo com Alvito, a pesquisa — feita entre 1995 e 1998 — transcorreu num período bastante turbulento e de muita violência na favela, uma zona vermelha, como Acari era chamada, na época, pelas autoridades policiais. No entender de Marcos, a barreira que separa aquelas pessoas da sociedade precisava ser estudada e compreendida. "Acari era um bicho-de-sete-cabeças; na verdade, o espelho de tantas outras favelas brasileiras", disse o autor, que concedeu a seguinte entrevista a Lilian Andrade.

***Conjuntura Econômica* — Por que as cores de Acari?**

Marcos Alvito — O livro surgiu da percepção de que, em Acari, a gente tem uma série de poderes disputando a ordenação da favela. Primeiro temos a polícia militar, um elemento bastante onipresente na região, cujo uniforme é de cor azul. É tratado pelo tráfico de *comando azul*, para se opor ao Terceiro Comando (dominante em Acari), que tem como símbolo a cor verde ao contrário do grande rival: o Comando Vermelho. A questão racial e as oposições dela provenientes, entre branco e negro, por exemplo, sempre estiveram na raiz do preconceito contra as favelas. Ao longo da pesquisa observei que uma das principais transformações que estavam ocorrendo em Acari era de cunho cultural. Lá estava a cultura negra, afro-brasileira, que em outras épocas tinha na favela o seu reduto, e que estava sendo transformada, varrida, pela avalanche de religiões neopentecostais. E os neopentecostais carregam uma outra ética, muito menos tolerante do que o candomblé ou a umbanda, e insistem no conflito e na idéia de uma guerra espiritual, na qual a cultura negra está sendo atacada em sua base, que é a religião.

Como é a convivência com as diferentes religiões na favela? Qual é o papel das igrejas e o que são os "exércitos de Cristo"?

A religião está muito presente na favela. Para você ter uma idéia, para uma população de cerca de 40 mil pessoas, existem 35 templos e, desses, 31 são evangélicos; ou seja, pouco mais de mil pessoas para cada templo. A igreja católica tem uma presença maior em termos de trabalho social do que espiritual. A igreja católica desenvolve trabalhos da Pastoral da Criança, de profissionalização, bastante interessantes, mas do ponto de vista religioso a igreja católica perdeu completamente a hegemonia em Acari.

E quanto às outras religiões?

A religião afro-brasileira, que até uns 15 ou 20 anos atrás era predominante na favela e que dava a visão do mundo, hoje está em processo de retraimento. Existe apenas um templo afro-brasileiro, que acomoda o candomblé e a umbanda. É grande o número de religiões protestantes. As mais evidentes são as pentecostais, particularmente as neopentecostais, entre elas, a Missão Apostólica Milagres da Fé e a Igreja Universal do Reino de Deus. Todas atuam como uma espécie de *fast-God*, de socorro espiritual 24 horas e têm como característica uma marcada oposição entre o Bem e o Mal. O que pude perceber é que essa multiplicação de templos se deu por conta da escalada da violência. Elas criaram uma batalha espiritual e simbólica como contraponto à violência "real" cotidiana. Criaram os seus "exércitos de Cristo". O papel da igreja

é, digamos assim, vigiar, "combater" o Mal. Daí ser muito fácil um traficante sair da vida do crime e entrar para a igreja e se tornar um de seus "soldados", porque ele já conhece a idéia de combate. Eu pude ouvir nos cultos expressões como "um exército de anjos", "Jesus, capitão de guerreiros", "cercar", "vencer", "derrotar", fazem parte do vocabulário usado pelas igrejas neopentecostais. As crianças que integram o coral de uma igreja pentecostal de Acari são chamadas de "soldadinhos de Cristo". O clima, a idéia, a percepção do mundo como um conflito ininterrupto e aberto é algo comum ao tráfico, à polícia e a estas religiões.

O que quis dizer um morador com a expressão "a favela é um bicho-de-sete-cabeças"?

Esse morador estava me alertando para que, no decorrer do meu trabalho de pesquisa, eu fosse cauteloso. Ele estava chamando a minha atenção para a complexidade da favela, onde atuam vários poderes ao mesmo tempo. Eu achei a expressão fantástica porque o cuidado que eu deveria tomar não seria apenas o de não levar um tiro, mas sim de não me "filiar" a um só grupo e depois ficar impedido de transitar entre os demais grupos.

E o que seriam essas "sete cabeças"?

A primeira, percebi que era a polícia que entrava e saía de Acari cerca de 800 vezes por ano; ou seja, uma média de duas a três incursões policiais por dia. A segunda, o tráfico, que vigia tudo, não só a atuação dos policiais mas, também — o que é mais dramático —, os moradores, que se sentem duplamente tolhidos. A terceira, as associações de moradores, que desempenham papel importante, embora tenham muita dificuldade de atuar mais livremente e serem mais representativas, como gostariam. A quarta, a imprensa, principalmente os jornais populares. É engraçado porque a imprensa raramente investiga; os jornalistas não vão à favela, a fonte é a polícia. Só vão à favela se ocorrer um fato espetacular, um massacre ou coisa do gênero.

Mas isso é até compreensível, não?

É verdade, existem outros motivos. Um deles, a dificuldade de entrevistar um morador que, por medo do tráfico, raramente fala. Segundo, pela dinâmica da imprensa hoje, em que o ritmo de produção da notícia é vertiginoso, obrigando a registrar a versão da polícia. Isso acaba superdimensionando a ameaça representada pelo Comando Vermelho e pelo Terceiro Comando. Às vezes sai no jornal: "O 9° Batalhão derrotou o Comando Vermelho", ou o "Comando Vermelho está impondo terror aos moradores", quando, na verdade, são apenas ações de pequenos grupos, muitas vezes desconhecidos. Mas o destaque vem reforçar a idéia da existência desses comandos que acabam virando emblemas, identidades para os jovens. Assim, o que sai na imprensa repercute na opinião pública, criando pânico e uma idéia do terror e violência excessiva, gerando uma série de campanhas, redundando em mais policiais, mais repressão e mais violência.

Foto: Divulgação



Alvito: transformações culturais afetam a comunidade

Quais seriam as outras três "cabeças"?

As igrejas e as Ong's (organizações não-governamentais), estas atuando como mediadoras dos conflitos, mas nem sempre bem-vistas pelos moradores. Muitos acham que as Ong's exploram a miséria e a violência da favela para angariar recursos que, segundo os moradores, jamais chegam na favela. E, por último e não menos importante, a comunidade. São os moradores que não estão envolvidos com o tráfico e que representam 99,5% do total. Eu diria que o envolvimento no tráfico é de 0,5% dos 40 mil moradores. O tráfico, no auge, contava com, no máximo, 200 pessoas envolvidas. Então, existe a polícia, o tráfico, as igrejas, as associações de moradores, a imprensa, as Ong's e a comunidade.

Qual foi a sua impressão da penitenciária Lemos de Brito, do complexo Frei Caneca? O que mais lhe chamou atenção?

A miséria dos presos. O fato de serem basicamente negros, pobres, em sua imensa maioria de baixa escolaridade, com um percentual de analfabetos muito acima da média da população. Ali sobrevivem absolutamente largados pela sociedade, num clima de total abandono. O que mais me deixou emocionado, e que na verdade me estimulou a abandonar os dez anos que eu tinha como professor de historia antiga, com publicações no Brasil e no exterior, foi a minha percepção de que aqueles homens, mesmo na cadeia, tinham a dignidade e a possibilidade de se transformar em outras pessoas. A partir de então, eu pude perceber uma outra dimensão humana e pude levar a sério o que um poeta romano dizia: "nada do que é humano, me é estranho".

Você pôde, então, ter uma outra visão do problema?

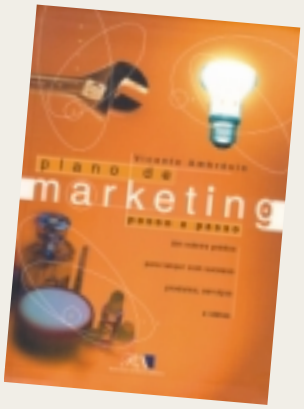
Esses presidiários, na verdade, foram os meus primeiros professores. Eu saí quase que de um aquário, que era a vida de um professor de classe média, que ficava em casa, estudando, lendo, ia para a faculdade, dava aula, e não via o que estava acontecendo à sua volta. Ali na penitenciária, naqueles quatro ou cinco meses de convivência, eles mostraram que o ser humano é capaz ao mesmo tempo das coisas mais sublimes e das mais horrorosas e perversas. O humano é tudo isso. Essa pesquisa que seria um estudo sobre a Grécia, acabou me transportando para Acari. O estudo da cultura grega me fez entender melhor os ícones de Acari, a mitologia, os heróis, as lendas, num processo dialético. A Grécia me ajudou a entender Acari, que me ajudou a entender a Grécia. Foi, sem dúvida, uma grande aventura e um enorme aprendizado.

LIVROS & IDÉIAS



IDÉIAS COM SUCESSO

Vicente Ambrósio, PLANO DE MARKETING PASSO A PASSO — UM ROTEIRO PRÁTICO PARA LANÇAR COM SUCESSO PRODUTOS, SERVIÇOS E IDÉIAS. Reichmann & Affonso Editores, Rio de Janeiro, 2001.



O livro de Ambrósio é apresentado como o primeiro do país a oferecer um roteiro minucioso para elaboração de planos de *marketing*, no estilo "receita de bolo". Trata-se, na verdade, de uma verdadeira ferramenta de trabalho de grande utilidade para empresários, administradores, estudantes e profissionais de *marketing*. Este é o primeiro livro de Vicente Ambrósio, formado em Administração de Empresas pela UFRJ e mestre em Administração pela American Graduate School of International Management. O modelo de plano de *marketing* abordado no livro, segundo o autor, resultou de uma necessidade acadêmica e fundamenta-se na experiência prática.

LIGAÇÕES PERIGOSAS

Shere Hite, SEXO & NEGÓCIOS. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2001.

No seu mais recente estudo, a autora do conhecido Relatório Hite, questiona a ética sexual no ambiente das empresas, expondo os principais problemas relacionados à diferença entre os sexos, como salários diferentes



A HISTÓRIA DA RIQUEZA

Peter L. Bernstein, O PODER DO OURO. Editora Campus, Rio de Janeiro, 2001.

O autor de Desafios aos Deuses volta com um novo livro onde revela a importância do ouro na história da humanidade e a sua influência no mundo contemporâneo. Símbolo de ganância e emblema de nobreza, instrumento de vaidade e ostentação de poder, o ouro tem decidido o destino do mundo desde os tempos bíblicos até os dias de hoje. Bernstein combina o entusiasmo de um historiador com a capacidade analítica de um economista para também avaliar o futuro do ouro, momento em que o metal precioso parece ter sido relegado a segundo plano no setor financeiro mundial.



FUTURO À VISTA

Kenichi Ohmae, O CONTINENTE INVÍSIVEL — QUATRO ESTRATÉGIAS DEFINITIVAS PARA ATUAR NA ERA DAS EMPRESAS SEM FRONTEIRAS. Editora Campus, Rio de Janeiro, 2001.

O advento da internet veio revelar a existência de um continente desconhecido que, a exemplo de Cabral e Colombo, provocou o interesse de grandes aventureiros. Só que os novos navegantes são os do mercado e o grito é de "Futuro à vista!". Ohmae analisa as quatro forças básicas da nova economia — a dimensão visível, a dimensão sem fronteiras, a dimensão cibernética e a dimensão dos grandes múltiplos —, bem como a luta entre as empresas e os países que tentam regulamentá-las. O autor prevê que, no lugar dos países e de suas fronteiras, as forças mais poderosas serão as "plataformas", ou seja, os padrões universais que dominam o mercado como, por exemplo, o inglês, que se tornou a língua oficial da internet.



para cargos iguais e os (falsos) estereótipos do homem, como profissional agressivo, e da mulher, como maternal e conciliadora. Segundo Shere Hite, as empresas só têm a lucrar com a implantação de boas relações amorosas entre seus profissionais. O livro, fruto de 15 anos de pesquisas e entrevistas com executivos e altas personalidades, mostra como as mulheres são vistas no mercado de trabalho e aponta soluções para que homens e mulheres possam conviver pacificamente, sem discriminações ou assédios.